CULTIVAR JARDINS

Márian Ambrósio e Ildo Perondi

Nos jardins abandonados
por culpa de certos senhores
ficaram desempregados
os beija-flores.

Vamos comprar regadores
e semear sossego
para dar aos beija-flores
um novo emprego[1].

1. A realidade de hoje: Por que não cultivamos jardins?

Todas as pessoas deveriam cuidar de um jardim. Porque faz muito bem estar e viver nos jardins. No jardim se cultivam flores e plantas especiais. É um tanto diferente das lavouras onde se plantam milho, soja, feijão... Estes produtos destinam-se à comercialização e são necessários para o sustento humano. E o objetivo final deste cultivo é garantir o sustento, produzir grãos e ganhar dinheiro.

No jardim não se plantam produtos para vender. Ora, o jardim é cuidado justamente pelos "preguiçosos", por aqueles que têm tempo a perder. É o lugar para gastar o tempo à toa. Trabalhar de graça, não para ganhar dinheiro... É bem verdade que existem lugares onde se plantam flores para comercializar. São esses "latifundiários" que produzem flores para vender e obter lucros. Flores são presentes bonitos. Mas, quem dá flores deveria ser a pessoa que plantou e cuidou delas.

É certo que hoje a maioria do povo não cultiva um jardim. Dois fatores principais, entre outros, impedem que todas as pessoas tenham seu jardim: a falta de espaço e a falta de tempo.

a) A falta de espaço

O primeiro motivo, o mais conhecido e mais triste, é que a maioria da população não tem este bendito pedacinho de terra livre e sobrante onde se pode cuidar de flores, regar, falar com elas, vê-las crescer e embelezar o mundo. Numa terra vasta, extensa, boa, generosa como a do nosso país, o que mais falta é terra para o povo. Tudo porque

1. Extraído do livro: *A dança dos pica-paus*, de Sidônio Muralha, in: *Diálogo*, ano II, n. 6, abril/maio/junho/1998, Centro Paranaense de Filosofia.

alguns egoístas continuam acumulando e infringindo o mandamento de Deus: *Não roubarás* (Ex 20,15). Esta minoria de grandes proprietários quer acumular terras, ter muitas terras, enquanto outras pessoas não têm o mínimo para plantar, colher, ganhar a vida e o que é mais bonito: ter um jardim. Ora, é evidente que isso é uma ofensa ao mesmo Criador que nos colocou no jardim (Gn 2,8). Negar o direito das pessoas a terem um jardim é um pecado grave. É roubar de Deus. É acumular para si o que o Criador destinou para ser partilhado por todos.

b) A falta de tempo

O segundo motivo por que muitas pessoas não cultivam um jardim é a falta de tempo. Outra situação um tanto triste. As pessoas não têm tempo justamente porque trabalham demais. Há tanta gente que trabalha muito, ao ponto de podermos dizer que as pessoas vivem para trabalhar. Quando o correto seria o inverso e mais bonito: trabalhar para viver. Mas as pessoas hoje trabalham tanto que não têm tempo para cuidar de um jardim. E estas pessoas que trabalham muito vivem ao lado de outras tantas pessoas que não trabalham, não porque não querem ou são preguiçosas, mas sim porque não encontram trabalho. Se isso acontece, é porque algo está errado. Bom, uma criança saberia que para resolver essa equação bastaria fazer com que aqueles que trabalham muito trabalhassem menos, para que aqueles que não encontram trabalho possam ocupar este tempo. Assim, todos trabalhariam menos, para que todos pudessem trabalhar. Podemos ver como é fácil e ao mesmo tempo difícil resolver os problemas da humanidade. É fácil ver a saída. Mas qual o sistema que quer a mudança?

2. Neoliberalismo e trabalho

O trabalho deveria ser algo bom. Trabalhar é criar, ocupar o tempo, colocar-se a serviço, colaborar com o Criador na continuação da grande obra. O problema é que o trabalho toma quase todo nosso tempo. E o trabalho também castiga, esmaga, deixa as pessoas como uns farrapos humanos. As pessoas também não participam do lucro e dos benefícios produzidos pelo seu trabalho. O que criam e fazem vai para outra classe, para grandes grupos econômicos. E isso faz com que, em vez de prazer, o trabalho gere insatisfação nas pessoas. Um homem e uma mulher ao retornarem assim do seu trabalho não vão cultivar jardins. Ainda mais as mulheres, vítimas também da sociedade machista, que, ao chegarem em casa, precisam fazer a segunda (quando não a terceira) jornada de trabalho. Trabalhos domésticos, limpar a casa, fazer comida, satisfazer o marido, cuidar das crianças... Onde encontrarão as mulheres o tempo e a disposição para mexer na terra, espalhar as sementes e cultivar flores?

Vivemos sob a opressão do modelo neoliberal. O capitalismo, cruel e assassino, está matando a vida do povo. Como as pessoas não têm tempo para cuidar de jardins, elas vivem menos e vivem mal. Vivem tristes e cheias de doenças. Como fazem falta as flores!

Além do mais, o sistema capitalista é perverso. É destruidor da vida. É triste constatar como ele vai destruindo a vida no jardim de Deus. Olhemos para os estragos

que o sistema produziu... Os desertos que surgem não são obra do Criador, mas resultado de uma política de utilização do solo, sem levar em conta que ele precisa de descanso e condições para recuperar-se. Olhemos para os rios que cortam nossas cidades. Rios mortos, que cheiram mal. É a sociedade moderna que despeja no leito dos rios todos os esgotos, dejetos, coisas velhas, descartáveis... O resultado é a morte dos rios. E o ar está poluído. É preciso sair das cidades para respirar um ar bom que alimente nossos pulmões. As matas destruídas, a flora e a fauna se acabando... O paraíso terrestre aos poucos está sendo transformado num deserto sujo, triste e fedorento...

O mesmo sistema que destrói é também o que tenta maquiar os estragos que faz. Um presente triste, por exemplo para alguém que faz aniversário, é receber um buquê de flores artificiais. Parecem bonitas, mas são de plástico. Flores com certa aparência, mas sem vida, sem perfume, sem a beleza natural. O sistema que impede o povo de cultivar flores com vida sabe fazer flores de plástico... Flores feitas em laboratórios. Estas flores são para conseguir lucros e ganhar dinheiro. São feitas em segundos, aos milhares, longe dos jardins. São todas iguais, por isso sem graça e sem beleza. Quem faz essas flores é o mesmo trabalhador que recebe mal e que não pode cultivar um jardim. No jardim as flores são únicas, iguais mas irrepetíveis. O gostoso do jardim é mexer com a terra, é adubar, é semear sementes, é esperar a semente romper o útero da terra e vir à vida, é regar a vida que surgiu, é esperar pelo primeiro botão, é contemplar a beleza da cor original, é perder tempo esvaziando o pulmão e enchê-lo com o perfume da flor natural. E então saborear Deus, contemplá-lo, extasiar-se diante do criador, diante da vida! Esquecer-se do tempo e embriagar-se dos aromas gratuitos da mãe natureza. Fazer tudo isso parece ridículo nesta sociedade consumista, utilitarista e individualista.

As flores têm beleza e têm relação com quem as cultiva. A bota do soldado sem amor pisa sobre a flor do jardim dos pobres. A flor para o opressor não passa de uma coisa qualquer. Por isso, pode ser pisada, esmagada, matada... Da mesma forma, a vida, para o sistema assassino, pouco valor tem. O neoliberalismo precisa ter seus altares. Ali são oferecidas e sacrificadas suas vítimas: os pobres, as crianças ceifadas antes de viver, os excluídos, a massa sobrante de desempregados(as) que este sistema excludente produz. Não há lugar para todos. Mas, para que haja lugar para os privilegiados, é necessário que se sacrifiquem as vidas daqueles que não puderem competir e vencer. Os altares das "catedrais neoliberais" são frios. São adornados de pirâmides frias, de pedra, de mármore, de flores artificiais. Mas são estes altares que recebem de forma silenciosa o sangue da massa sobrante. Sangue do pai e da mãe que perdem o trabalho, o pão e o leite das crianças; sangue da juventude que não encontra o primeiro emprego. Contingentes enormes desta população, da nova classe de trabalhadores – os desempregados – que estorvam seus planos, que não dão lucro e que por isso podem e devem ser sacrificados, quando não eliminados de vez.

Portanto, se está difícil de andar por este caminho, vamos buscar outra proposta. No entanto, para poder olhar para frente, temos que ter a coragem e a capacidade de nos voltar para trás: para nossas origens, para a história de nossos antepassados.

3. A imagem bíblica do jardim

3.1. Deus tem um jardim...

É através da profecia de Ezequiel que fazemos a descoberta: Deus tem um jardim! "...estavas no jardim do Éden, no jardim de Deus, cercado de muro de pedras preciosas, sardônia, topázio e jaspe, crisólito, berilo e ônix, lazulita, carbúnculo e esmeralda; e o ouro, de que são feitos os tamborins e as flautas, preparado para ti no dia de tua criação" (Ez 28,13). "Os cedros do jardim de Deus não se igualavam a ele, ...nenhuma árvore do jardim de Deus lhe era comparável em beleza" (Ez 31,8).

O contexto é de lamento, de denúncia ao príncipe de Tiro e ao rei do Egito (Ez 28,1-19; 31,1–32,29), mas os textos são preciosos porque nos oferecem as chaves para conhecermos o jardim de Deus:

– nele todos somos humanos (28,2)
.duais: conhecemos a conduta que devemos ter (28,15);
mas ousamos dizer: *sou um deus* (28,9)
– ele foi ricamente preparado para nós (28,13)
– nele, o ser humano é o destaque (31,2-9)
– *nele só há um Deus* (32,7-10).

3.2. Deus plantou um jardim para nós... (Gn 2,8)

Os dois primeiros capítulos do Gênesis são o relato da experiência humana sobre a beleza e a felicidade de Deus. Um Deus feliz faz nascer jardins para a felicidade dos que criou à sua imagem e semelhança. Por isso, os mesmos capítulos são o relato da esperança humana sobre a beleza e a felicidade de nosso amanhã.

Gn 2,4b-17 são como versos da poesia com a qual Deus revela seu sonho sobre a vida humana: *terra, manancial, sopro vital, crescimento, alimentação, riquezas, conhecimento, discernimento, jardinagem, convivialidade, responsabilidade, administração...*

Esse é o jardim do Éden, que os israelitas interpretaram como o jardim das delícias.

A leitura desses versos também nos oferece chaves para conhecermos a utopia de Deus para a vida humana:

– não precisamos de motivos para a gratuidade (2,9)
– felicidade tem a ver com responsabilidade (2,15)
– o diferente, a alteridade tem lugar no jardim:
.nem todas as árvores são para as criaturas (2,16-17)
– o universo inteiro (quatro braços do rio) pode permanecer jardim! (2,10).

3.3. E Deus nos expulsou deste jardim (Gn 3,23)

O terceiro capítulo do Gênesis surge como o relato da experiência da deslealdade humana. Ao invés de querermos habitar o jardim de Deus, nós o transformamos em propriedade nossa, optando pelos critérios da serpente. Perder a gratuidade é perder o jardim.

E então, sentindo-nos *do lado de fora do jardim de Deus*, instituímos a devastação da terra, a distância do manancial, a divinização da criatura, a fome, a exclusão, o trabalho escravo, a disputa com os animais...

Não dá para omitir uma conclusão: hoje, ao contemplarmos a capacidade quase autônoma da micro-informática, resultante de nosso saber tecnológico excludente (do lado de fora do jardim), nos sentimos frágeis e solitários. Conversar com uma máquina, dentro dos escritórios de nossas cidades "selvas de pedra", nos deixa com saudades do jardim, com saudades do *paraíso*.

3.4. Deus então recomeça a projetar jardins

Deus, o cultivador da vida, assume o resgate de suas criaturas e refaz a história de seu jardim. Ainda no paraíso, o jardim se torna o lugar da esperança, da utopia (Gn 3,15).

a) Jardim, o lugar da utopia (Is 35)

Ao sentir-se desnorteado durante o exílio, sem os referenciais seguros de sua pátria (do lado de fora do jardim), o povo de Deus encontra em Isaías a visão de uma nova criação. O profeta ergue sua voz portadora de esperança. Em meio às denúncias da idolatria, exorta à conversão, à justiça.

O capítulo 35 retoma o tema do jardim: *júbilo, florescimento, beleza, água, canção, caminho, mananciais, gozo.*

É como a volta à felicidade perdida. O povo de Deus faz a experiência do Deus que cria... e que recria, que promete... e que cumpre, que inspira o sonho... e se torna, ele próprio, sua realização.

O dia do Senhor, cuja vinda é anunciada pelo Profeta Joel (2,3), é também comparado ao jardim do Éden. Ele vem como uma teofania, acompanhado do toque da trombeta, mas, a exemplo do que falam Ezequiel (36,35) e Isaías (51,3), anuncia um lugar de prosperidade.

A mesma linguagem, de cunho escatológico, é empregada por Jeremias (31,12).

Belíssima é a expressão de Isaías: "serás como um jardim irrigado, como uma fonte de água cujas águas não decepcionam" (Is 58,11). Faz lembrar Jesus em diálogo com a samaritana: "eu te daria água viva" (Jo 4,10). É fácil supor um jardim junto ao poço de Jacó...

b) Jardim, o lugar da experiência do amor (Ct 4,12-15)

O jardim apresentado pelo Cântico dos Cânticos aponta para a certeza de que a beleza e o prazer têm lugar na utopia de Deus para a humanidade, o novo céu e a nova terra que surgem para uma convivência transformada. *O gostar, o querer, o sentir, o sonhar, o alegrar-se,* o partilhar essas dimensões da vida são abençoados pelo Deus da vida e do amor. Faz bem lembrar que, na língua hebraica, a palavra que significa *"bom"*, significa também *"belo"*. É lindo imaginar que Deus, ao criar o mundo, possa ter achado suas criaturas *"belas"*, além de *"boas"*.

Beleza pede contemplação, pede relacionamento, pede descanso às mãos calejadas. Como é difícil incorporar esses valores à nossa mentalidade de "sentido do dever".

O Cântico dos Cânticos enriquece nossa visão do jardim como lugar do amor:

- leito de relva (1,16), lembrando aconchego;
- flores, poda, pássaros, figos, vinha florida (2,11-15), lembrando a primavera, tempo do desejo e do encontro;
- açucenas (2,16), símbolo da própria amada, cultivada na relação de ternura com o amado;
- vento norte, vento sul, sopro, perfume (4,16), lembrando espírito e vida;
- passar a noite juntos, no campo (7,12-14), entre as vinhas floridas, lembrando a beleza e a dignidade do amor;
- estar sentada no meio dos jardins (8,13), como uma flor entre as outras flores.

Grandes e fortes apelos à nossa realidade: resgate do afeto, da sexualidade, do eros; cultivo de relacionamentos novos entre mulher e homem; amor-aliança, amor-compromisso; amor que crê, suporta, confia, sofre e espera...

3.5. Jesus também cultiva o jardim, ícone do reino

Também Jesus reuniu seu povo sentado sobre a relva (Mc 6,39), indicando repouso que restaura, aproxima. E aí alimentou, curou.

- E fala do sopro do Espírito (Jo 3,8);
- vai às núpcias do amigo que vira embaixo da figueira (Jo 1,48; Jo 2,1; 21,2);
- aproxima pessoas da fonte de água viva (Jo 4,13-14; 7,37-38), que irriga a terra e o coração, irradia gratuidade e abundância de vida;
- fala da vinha (Jo 15,1-16) em relação ao amor, à amizade e aos frutos produzidos para a vida;
- procura o jardim para o sofrimento redentor (Jo 18,1.26);
- ressuscitado, torna-se jardineiro (Jo 20,14-18), para o encontro com quem o busca na saudade, com amor.

Jesus usa também *os lírios do campo e as aves do céu* (Mt 6,28-34), para nos apresentar um projeto de vida que tem por raiz a fé na providência de Deus e como resultado a justiça do Reino. O texto nos mostra de novo o jardim de Deus: aquele lugar que é sagrado porque lá todos têm comida, todos têm vestido, não porque trabalharam para tal, mas porque lá não se perdeu a gratuidade, característica primeira do paraíso.

Para concluir: "eu (a sabedoria) sou como um rio que irriga o paraíso. E disse: vou regar meu jardim e inundar meus canteiros. E vou fazer brilhar a instrução como a aurora, difundindo ao longe sua luz. E vou derramar o ensino como profecia, legando-a às gerações futuras" (Eclo 24,28-31).

Esse é um grito de esperança para um mundo que morre sem festa e sem água, sem alegria e sem jardim!

4. Sonhar: haverá jardins na nova sociedade

Precisamos sonhar e pensar a sociedade futura. Ela terá como projetos a partilha da terra (tanto a rural como a urbana) e a redução drástica da jornada de trabalho e o fim das horas extras trabalhadas. Então o primeiro mandamento da constituição da nova sociedade, do novo paraíso terrestre, pode ser assim: *"Todos os homens e mulheres vão ter um espaço de terra onde vão cultivar um jardim. A todos os homens e mulheres serão asseguradas as condições e tempo para que cuidem de seus jardins"*. Só assim teremos uma terra partilhada, bonita, cheia de flores e de vida.

Este é o tempo de destruir e construir. Encontrar os meios de destruir o capitalismo neoliberal. E ir construindo o novo. Temos então que voltar a cultivar jardins. Por toda parte. Um dos meios para que os governos sérios da nova sociedade resolvam o problema do desemprego será incentivando o cuidado de jardins. Toda pessoa desempregada que quiser cultivar um jardim receberá as ferramentas necessárias (vai aumentar o emprego de pessoas nas metalurgias); vai receber sementes e adubos (mais gente será empregada); vai receber instruções e aprender as técnicas de lidar com a terra, as plantas e as flores (mais pessoas empregadas). Mas o bonito será isso: toda pessoa que cultivar um jardim e estiver desempregada vai receber uma farta cesta de alimentos para sua família. Sim, porque alguém que cultiva flores não pode passar fome. Também terá direito ao programa de renda mínima (desde que mantenha as crianças na escola). Além disso todas as pessoas desempregadas poderão ocupar o tempo livre fazendo jardins nas casas das pessoas que trabalham. As pessoas que trabalham e estão empregadas devem ser pessoas solidárias. Devem saber que, se não há emprego para todos, aqueles que estão empregados devem ajudar a manter aquelas pessoas que não estão empregadas. Acaba-se com o assistencialismo. Ninguém vai receber esmola. Vai receber cesta básica, renda mínima, porque está fazendo o que há de mais bonito no mundo: cultivar jardins.

A nova sociedade vai se encher de jardins belos e floridos. Quando as pessoas saírem pelas ruas, vão ver jardins. Não terão tanta pressa em andar, pois será impossível não parar e contemplar a beleza das flores. Quem não gastará tempo para aspirar o perfume das flores? Sentir o odor da vida, encher os pulmões de perfume... As pessoas vão conversar sobre a beleza das flores, pois já não se falará das crises das bolsas de valores e do desemprego. As cidades farão a "Festa das Flores e dos Jardins". Com isso, vamos tornar nossas cidades bonitas, perfumadas e cheias de vida. Bem nos lembrou Dostoiévski que "a beleza salvará o mundo".

A principal exigência de quem vai se candidatar a um emprego será responder se gosta de olhar e contemplar flores e jardins; se gosta de aspirar o perfume das flores. Quem não tiver estas aptidões não poderá ser contratado. Deverá ser educado novamente. A sociedade terá clínicas de reeducação das pessoas. Educar para sentir o perfume das flores, para o gosto da vida, para o amor, para a solidariedade...

Fazer isso custará bem menos aos governos do que cuidar de tanta gente doente, estressada, louca, triste... Vai haver um mundo novo, mais feliz, menos doente. Também não acreditamos que um governo que faça esta grande tarefa não tenha o apoio da maioria da população. Portanto, não precisa gastar em propagandas enganosas para manter-se. Em vez de fazer publicidade de si mesmo, o governo aplicaria estes recursos para o projeto de cultivar jardins e embelezar o mundo....

Não somos ingênuos a ponto de acreditar que só o cultivo dos jardins salvará esta sociedade perversa e cruel, e nem que isso vai resolver o problema do desemprego. Mas será um começo. Os jardins estarão por toda parte, como escreve Ademar Bogo, um dos líderes do MST/Movimento dos Sem Terra: "nossos assentamentos devem ser verdadeiros jardins, onde devemos sentir prazer em viver e receber nossos amigos que apóiam a reforma agrária"[2]. Temos que construir uma sociedade baseada em outros valores. Vamos pensar uma nova forma de relacionamento com Deus, com as pessoas e com a natureza e as coisas. É muito importante olharmos para São Francisco de Assis, que no século XIII, em meio a uma grande crise, onde também a exclusão era muito grande, soube propor um novo modelo. Não só propôs em teoria. Ele próprio iniciou uma nova forma de vida onde as pessoas, os seres e as coisas valem pelo que são e não pelo lucro que podiam proporcionar. O mundo novo exige uma nova forma de relacionalidade e por isso temos que ter coragem de ousar. Que esta virada de milênio nos coloque num caminho novo, longe do drama e da dor do desemprego. Onde a vida seja louvada. Onde a beleza das flores dos jardins seja contemplada, onde seja bonito saborear o tempo livre, cultuar a preguiça, e então cantar a alegria de viver nesta terra – jardim nosso e de Deus!

Bibliografia

MESTERS, Carlos. *Deus, onde estás?* Petrópolis: Vozes, 9ª ed., 1991.

Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 4ª ed., 1987.

MAÇANEIRO, Marcial. *Eros como experiência primordial. Da mística e da erótica cristã* (apostilas inéditas).

IDEM. *Mística e erótica – Um ensaio sobre Deus, Eros e Beleza.* Petrópolis: Vozes ^{2}1996.

CEPAT Informa, n. 41, 6 de julho de 1998.

Sem trabalho... Por quê? A fraternidade e os desempregados. Texto-Base da Campanha da Fraternidade-1999.

Márian Ambrósio
Caixa Postal 2729
80001-970 Curitiba – PR
e
Ildo Perondi
Caixa Postal 520
80001-970 Curitiba – PR

2. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, n.183, outubro/1998, p. 2.